

**ESTEREÓTIPOS TRANSFRONTEIRIÇOS: OLHARES
ENTRECRUZADOS DE BOLIVIANOS E BRASILEIROS DAS
CIDADES-GÊMEAS DE GUAJARÁ-MIRIM (BRA) E
GUAYARAMERÍN (BOL)**

**CROSS-BORDER STEREOTYPES: VIEWS OF BOLIVIANS AND
BRAZILIANS OF GUAJARÁ-MIRIM (BRA) AND GUAYARAMERÍN
(BOL)**

Leonardo Luiz Silveira da SILVA¹
Alexandre Magno Alves DINIZ²

Resumo: O artigo apresenta uma pesquisa sobre impressões cruzadas produzidas nas comunidades fronteiriças das cidades-gêmeas de Guajará-Mirim e Guayaramerín, utilizando como método a aplicao de questionários nas áreas urbanas. Respalhado pelo amparo teórico da hibridizo cultural, este trabalho evita o vício de apresentar resultados estereotipados sobre as comunidades investigadas que poderiam paradoxalmente desconstruir a sua própria base teórica. Nesse sentido, tenta em transmitir resultados acerca das adjetivaoes comumente imaginadas no universo amostral de 300 questionários aplicados em cada lado da fronteira. Ademais, investiga a frequência da travessia do limite internacional, que têm como obstáculo o rio Mamoré, bem como as motivaoes para a realizao da mesma. A relevância do artigo reside na crença de que a dimensão imagética e estereotipada das relaoes interculturais produzem interferências práticas no cotidiano dos cidadãos da fronteira, constituindo-se, inegavelmente, como um fator de considerao geopolítica.

Palavras-Chave: Cidades-Gêmeas; estereótipos; relaoes.

Abstract. This article presents a cross-border research study carried out in the border communities of the Guajará-Mirim and Guayaramerín twin cities, using as a method the application of questionnaires in urban areas. Backed by the theoretical support of cultural hybridity, this work avoids the vice of presenting stereotyped results on the investigated communities that could paradoxically deconstruct their own theoretical basis. In this sense, it tries to transmit results about the commonly imagined adjectives in the universe of 300 questionnaires applied on each side of the border. In addition, it investigates the frequency of international limit crossing, which has as obstacle the river Mamoré, as well as the motivations for crossing. The relevance of the article lies in the belief that the imaginary and stereotyped dimension of intercultural relations produce practical interference in the daily lives of the border citizens, undoubtedly constituting a factor of geopolitical consideration.

Key Words: Twin cities; stereotypes; relations.

Introduo

O presente artigo  fruto de um trabalho de campo que investigou amplo espectro das relaoes entre as cidades gêmeas de Guajará-Mirim (Rondônia, Brasil) e Guayaramerín (Beni, Bolívia), como requisito para cumprimento de estágio pós-doutoral. Uma das temáticas

¹ IFNMG campus Salinas.

² Departamento de ps-graduao em Geografia – Tratamento da Informao Espacial PUC-MG.

investigadas nos motivou a estruturar um texto visando uma comunicação acadêmica, tendo esta prestigiosa revista como alvo para a publicação. O objetivo deste artigo refere-se à percepção das comunidades que habitam as cidades lindeiras supracitadas com relação ao indivíduo estrangeiro (percepções entre brasileiros e bolivianos que habitam a fronteira). Para tanto, foram aplicados questionários em ambos os lados da fronteira visando os indivíduos que habitam as cidades em questão e que são submetidos a diferentes níveis de estranhamento cotidiano: sabe-se que as movimentações migratórias pendulares são relevantes nas duas cidades, ainda que as mesmas encontrem-se separadas pelo rio Mamoré, limite natural entre o Brasil e a Bolívia. A ausência de ponte, cuja construção esbarra em um grande investimento (devido à esplêndida distância entre as margens do Mamoré) e em entraves diplomáticos, não impede a circulação de pessoas e mercadorias, conduzidas por embarcações orquestradas, quando legais, pelas zonas portuárias de Guajará-Mirim e Guayaramerín.

A aplicação de questionários investigou:

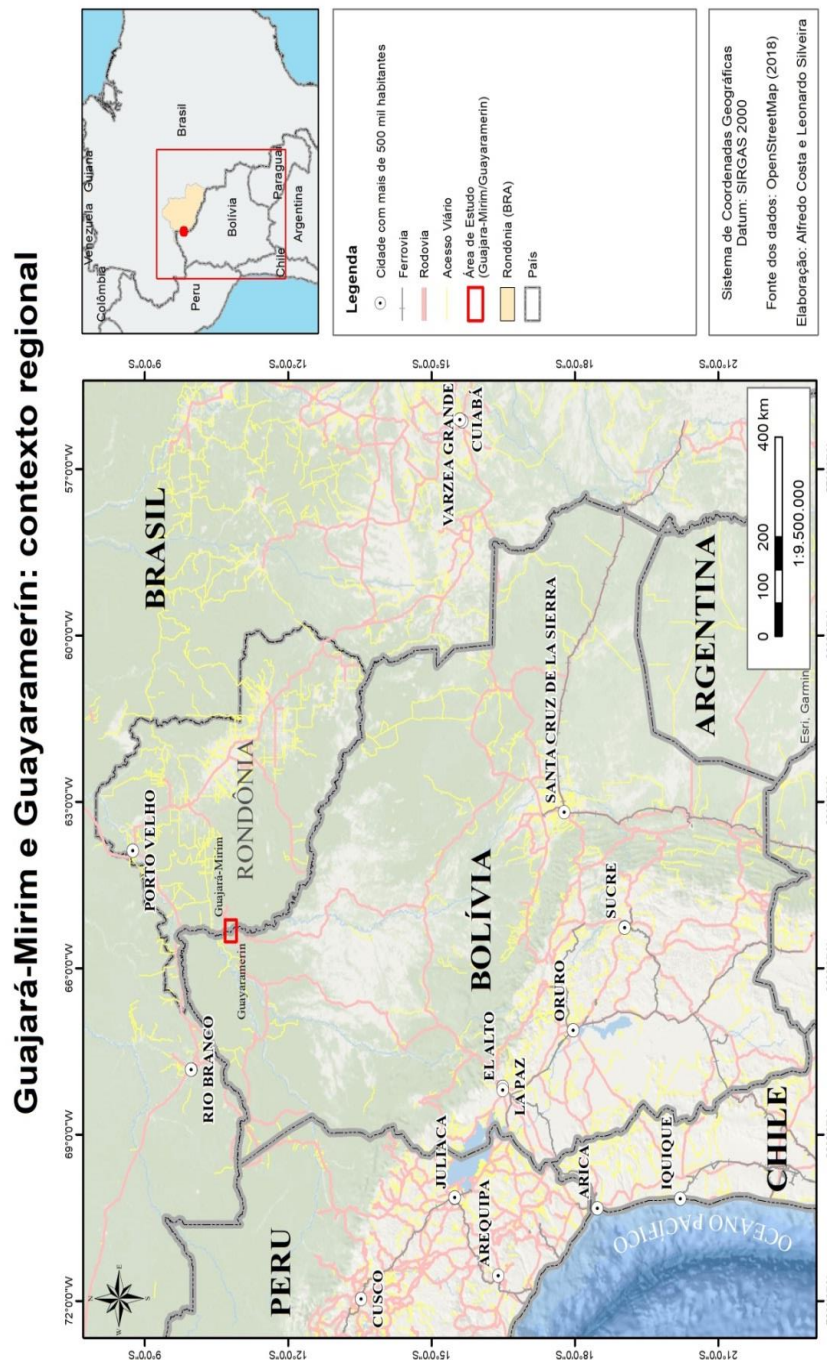
- a frequência na qual o entrevistado realiza a travessia do rio Mamoré;
- as motivações para a travessia;
- a dimensão de certos estereótipos construídos entre as duas comunidades.

A importância desta investigação reside no fato destas estereotipações interferirem na realidade geopolítica, denunciando relações de subalternidade e apontando dificuldades relacionais pautadas em imagens consolidadas por meio do tempo e fruto do encontro da memória individual e coletiva.

Sobre as cidades gêmeas de Guajará-Mirim e Guayaramerín

As cidades-gêmeas constituem-se como pontos nevrálgicos das mais diversas redes sobrepostas, sendo a sua posição geográfica um dos seus maiores trunfos. Por isso, não raramente são referidas com nós de alta hierarquia das redes que integram (Campos, 2017). Inseridas nas faixas de fronteiras dos seus países, ao mesmo tempo em que estão sitiadas em regiões que inspiram preocupação quanto à segurança, proteção e soberania nacional, apresentam intensa diversidade econômica, social e cultural (Macedo, 2017). Na literatura, as cidades-gêmeas são definidas como espaços híbridos compostos por elementos nacionais e internacionais destacados, guardando, mediante este balanço, uma identidade local única (Coelho, 2013; Terenciani, 2012). Muitas vezes submetidos ao convívio diário com cidadãos de distintas nacionalidades, o habitante das cidades-gêmeas constrói e reconstrói permanentemente noções sobre a identidade e a nacionalidade (Virga, 2017). Os conceitos formados, mesmo considerando a possibilidade de sua ressignificação e dinamismo, podem se constituir como barreiras ou mesmo incentivos para as relações transfronteiriças.

Figura 1: Guajará-Mirim e Guayaramerín: contexto regional.



Há algum espaço para discordos conceituais sobre o que sejam cidades-gêmeas. Para o olhar brasileiro, definido pelo Ministério da Integração, as cidades podem ser consideradas gêmeas se possuírem:

- a população mínima de 2.000 habitantes (definição objetiva);
- município que abriga o seu sítio urbano ser cortado pelo limite internacional (definição objetiva);

- grau elevado de integração econômica e cultural (definição subjetiva) (BRASIL, 2005).

Vê-se que, mediante estas variáveis delimitadoras, uma grande pluralidade de núcleos urbanos bem distintos entre si incorporam a classe de cidades-gêmeas. Como exemplo, Corumbá-MS, que possui pouco mais de 90.000 habitantes, trata-se de uma cidade-gêmea tanto quanto Assis Brasil-AC, que possui cerca de 7.000. Acrescenta-se às assimetrias demográficas diferenças de outros tipos tais como a existência de cidades-gêmeas conurbadas ou não, inseridas em redes urbanas densas (principalmente no sul do Brasil) ou em desertos urbanos (principalmente no arco norte da fronteira brasileira), bem ou mal acessada por transportes e, ainda, inseridas em diferentes tipos de biomas ou regiões econômicas. É importante destacar, portanto, que a pluralidade das cidades-gêmeas se constitui como um desafio para a elaboração de leis de âmbito nacional que visam o fomento do seu desenvolvimento.

Estudiosos da fronteira têm usado, com muita frequência, as cidades-gêmeas como alicerce de suas pesquisas (Silva e Oliveira, 2008). Por meio do estudo destas cidades é possível perceber que são elas onde melhor são esboçadas as interações das sociedades transfronteiriças e também onde as assimetrias e simetrias entre sistemas territoriais nacionais e internacionais são mais visíveis (Machado et.al, 2005), permitindo a ocorrência de economias de arbitragem e o estabelecimento de uma relação de complementariedade dos serviços urbanos.

As conexões viárias, como se sabe, desempenham um papel crucial no estabelecimento, intensificação e direção dos fluxos. Algumas das cidades-gêmeas, como é o caso de Guajará-Mirim e Guayaramerín, são separadas fisicamente pela existência de um rio. A ausência de ponte conectando as duas cidades estudadas não impediu o estabelecimento de relações simbióticas em determinados planos das relações internacionais. As forças de conexão entre as comunidades brasileiras e bolivianas lindeiras mostraram-se mais poderosas do que os obstáculos impostos pela natureza e a carência de investimentos nos transportes.

Outrora o sustentáculo econômico regional, a crise do mercado da borracha ajudou a depreciar economicamente a região que abriga as duas cidades-gêmeas. O crescimento populacional das duas cidades, na maior parte do século XX, foi tímido. De acordo com o último recenseamento boliviano, a população de Guayaramerín alcança 35.764 (INE, 2012). A estimativa populacional da cidade aponta para 37.219 habitantes no ano de 2018. É defendido, pelos estudos urbanos, que nenhuma cidade, por maior poder de atrair moradores que pudesse ter, não conseguiria (nem gostaria de) imprimir essa velocidade de crescimento se não fosse uma conjuntura de política de desenvolvimento nacional que privilegiasse a industrialização e sua concentração nos centros urbanos (Duarte, 2017). No caso das cidades-gêmeas estudadas, as políticas territoriais especiais podem substituir o “fator” industrialização no que diz respeito a favorecer o crescimento populacional. Contudo, para isso, é necessário que tais políticas estejam de fato beneficiando a região e não somente pequenos grupos que se utilizam da legislação especial para auferir riquezas que sequer ficam retidas no espaço-alvo dos benefícios.

Administrativamente, a Bolívia se divide em departamentos, províncias e municípios. Guayaramerín situa-se no departamento do Beni, na província de Vaca Diez e em município homônimo. O recenseamento de 2012 (INE, 2012), contou 41.814 habitantes em toda a área municipal. O mesmo recenseamento definiu a população da cidade de Guayaramerín na ocasião equivalente a 35.764 habitantes. A diferença entre a população municipal frente a da cidade de Guayaramerín aponta para a existência de 6.050 habitantes distribuídos entre povoados (distritos) e zonas rurais. A província na qual Guayaramerín está inserida, Vaca Diez, contou 130.836 habitantes no recenseamento de 2012. Portanto, a população da cidade de Guayaramerín representava, à época do recenseamento em questão, 27,33% de toda a

população provincial. O percentual relativamente baixo de participação no conjunto provincial encontra explicação na existência de um núcleo urbano regionalmente dominante: Riberalta.

A população municipal de Guayaramerín apresentou em 2012 um perfil jovem: 76,18% da população possuía até 39 anos de idade. Do seu total, apresentou predominância masculina, expressa em valores de *sex ratio*⁵ igual a 105,65 (INE, 2012).

Tabela 1 - Município de Guayaramerín: distribuição da população por idade e sexo

Grupos de Idade	Total	Homens	Mulheres
Total	41.814	21.473	20.341
0-3	4.066	2.055	2.011
4-5	1.876	1.020	856
6-19	13.386	6.893	6.493
20-39	12.525	6.325	6.200
40-59	6.917	3.593	3.324
60 ou mais	3.044	1.587	1.457

Fonte: INE (2012)

Cidades situadas nas periferias territoriais costumam se constituir como terra de oportunidades a muitos aventureiros e empreendedores que para lá migram. Este movimento pode ser ainda acentuado se a periferia em questão, como é o caso da posição de Guajará-Mirim e Guayaramerín em seus conjuntos territoriais, constitui-se como palco de políticas especiais territoriais.

Tabela 2 - Município de Guayaramerín: Local de nascimento por sexo

Local de nascimento	Total	Homens	Mulheres
Em Guayaramerín	27.005	13.591	13.414
Em outro local da Bolívia	14.080	7.466	6.614
No exterior	729	416	313
Total	41.814	21.473	20.341

Fonte: INE (2012)

O padrão de associação de nascimentos e origem dos habitantes de Guayaramerín mostra que cerca de um terço dos seus habitantes não são nascidos na cidade. Reforça-se, a partir deste fato, a expressiva composição da população por meio de movimentos migratórios. Destaca-se, ainda, 1,74% da população (729 habitantes), nascidos no exterior.

Tabela 3 - Município de Guayaramerín: Local de residência habitual

Local de residência habitual	Total	Homens	Mulheres
Em Guayaramerín	41.007	21.008	19.999
Em outro local da Bolívia	677	399	278

⁵ Obtida por meio da divisão de número de homens por mulheres multiplicado por 100.

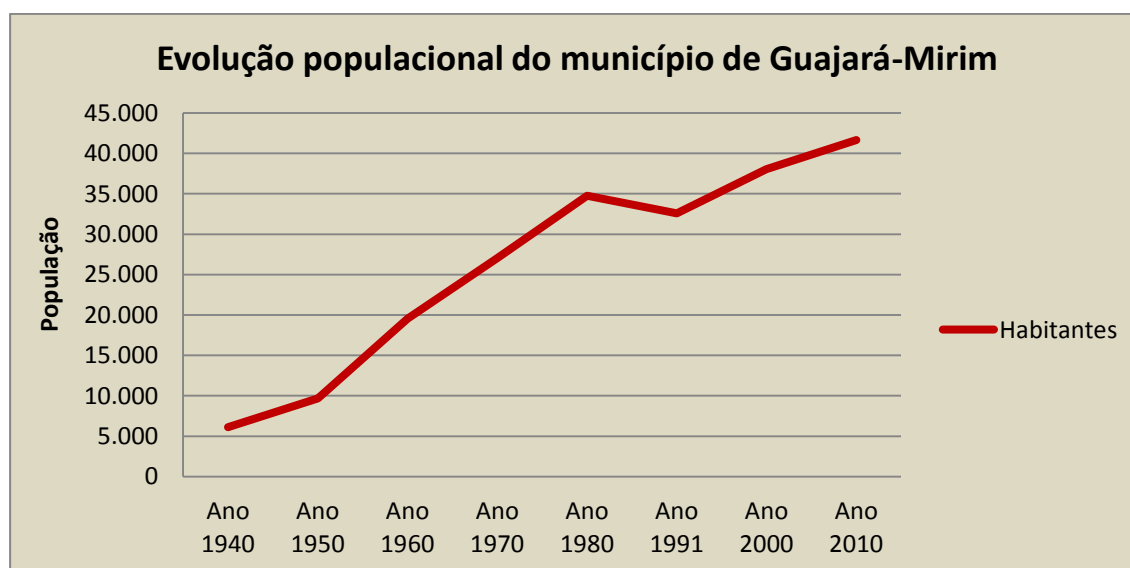
No exterior	130	66	64
Total	41.814	21.473	20.341

Fonte: INE (2012)

Guayaramerín, assim como Guajará-Mirim, estão situadas em áreas dotadas de redes urbanas espaçadas e, portanto, pouco densas. Apesar disto, 1,61% daqueles que foram abordados pelos recenseadores em 2012 declararam possuir residência habitual em outro local da Bolívia. A manutenção de duas moradias em cidades diferentes pode ocorrer e a situação consiste como endereço duplo. A existência de um aeroporto em Guayaramerín com linhas que conectam com frequência diversas cidades bolivianas torna a possibilidade de duplo endereço verossímil. A existência de 130 pessoas morando no exterior, por plausibilidade, está vinculada a existência de um endereço principal no Brasil, sugerindo, inclusive, movimentos migratórios pendulares.

O município de Guajará-Mirim apresentou no censo de 2010 uma população semelhante ao município de Guayaramerín levantada no recenseamento boliviano de 2012 (41.656 ante 41.814 da cidade-gêmea boliviana). Situação parecida ocorre na comparação da população das cidades-gêmeas propriamente ditas: cerca de 35.000 habitantes para ambas de acordo com o censo brasileiro de 2010 e boliviano de 2012. No histórico dos últimos censos brasileiros, a evolução populacional do município apresenta um ponto de inflexão na passagem da década de 1980 para 1990, explicado pela emancipação municipal de Costa Marques, que representou para Guajará-Mirim uma subtração populacional.

Figura 2: Evolução populacional do município de Guajará-Mirim. Fonte: IBGE (2018)



O município apresenta uma taxa de urbanização próxima a 84%, que se manteve praticamente no mesmo patamar nos censos de 1991, 2000 e 2010.

Tabela 4 - População Urbana e Rural do município de Guajará-Mirim nos censos de 1991, 2000 e 2010

Censo	População Urbana	População Rural	Total
1991	27.406	5.177	32.583

2000	33.035	5.010	38.045
2010	35.207	6449	41.656

Fonte: IBGE (2018)

Guajará-Mirim e Guayaramerín situam-se na periferia territorial de províncias (estado de Rondônia e departamento de Beni, respectivamente) que também ocupam posições periféricas em escala nacional. Deste modo, não é exagero nos referirmos à posição urbana das duas cidades-gêmeas como “periferia da periferia”. Faz-se necessário, para entendermos plenamente a posição urbana, analisarmos a relevância demográfica das cidades-gêmeas no contexto das redes urbanas regionais nas quais estão inseridas.

Segundo as estimativas populacionais do IBGE referentes ao ano de 2016, Guajará-Mirim constitui-se como o oitavo município mais populoso do estado de Rondônia, que conta com 52 municípios. O seu núcleo urbano dista 372 km de Porto Velho, capital do estado de Rondônia.

Tabela 5 - Os dez municípios mais populosos do estado de Rondônia

Município	População	% em relação à população estadual
Porto Velho	519.531	28,53
Ji-Paraná	127.907	7,02
Ariquemes	106.168	5,83
Vilhena	97.448	5,35
Cacoal	84.813	4,66
Rolim de Moura	54.702	3,00
Jaru	51.933	2,85
Guajará-Mirim	45.783	2,51
Machadinho do Oeste	39.097	2,15
Buritis	38.937	2,13
Total Acumulado	1.131.219	62,11
Total do estado de Rondônia	1.821.171	100

Fonte: IBGE (2016) – Estimativa da população

Rondônia possui duas mesorregiões: o leste rondoniense, que abriga 1.101.456 habitantes e Madeira-Guaporé, que possui 719.815. Situada da mesorregião do Madeira-Guaporé, o município de Guajará-Mirim representa cerca de 6,4% de sua população. Situa-se ainda, em outro corte regional, em microrregião homônima, também composta pelos municípios de Costa Marques e São Francisco do Guaporé. Em sua microrregião, o município amealha uma fatia de 56,45% do conjunto populacional, exercendo, neste recorte regional, a primazia demográfica.

Já foi apresentado que o município de Guayaramerín, nem mesmo no âmbito de sua província⁶ Vaca Diez apresenta-se como principal centro demográfico. A cidade de Riberalta

⁶ As divisões provinciais nos departamentos bolivianos agrupam um pequeno número de municípios. Acreditamos que o melhor paralelo que possa ser estabelecido entre esta entidade territorial boliviana e as divisões administrativas brasileiras é com a Microrregião.

exerce esse papel, enquanto Guayaramerín concentra cerca de 27% da população provincial. No âmbito departamental, o protagonismo de Guayaramerín logicamente diminui. Contudo, o município se constitui como o terceiro mais populoso de Beni. É importante lembrar que o departamento de Beni possui baixíssima densidade demográfica (1,97 habitantes por quilômetro quadrado recenseados em 2012 ante 7,52 estimados em 2016 em Rondônia). O vazio demográfico torna a diminuta população do município de Guayaramerín um destaque departamental, como consta na Tabela 6.

Tabela 6 - Os dez municípios mais populosos do departamento de Beni

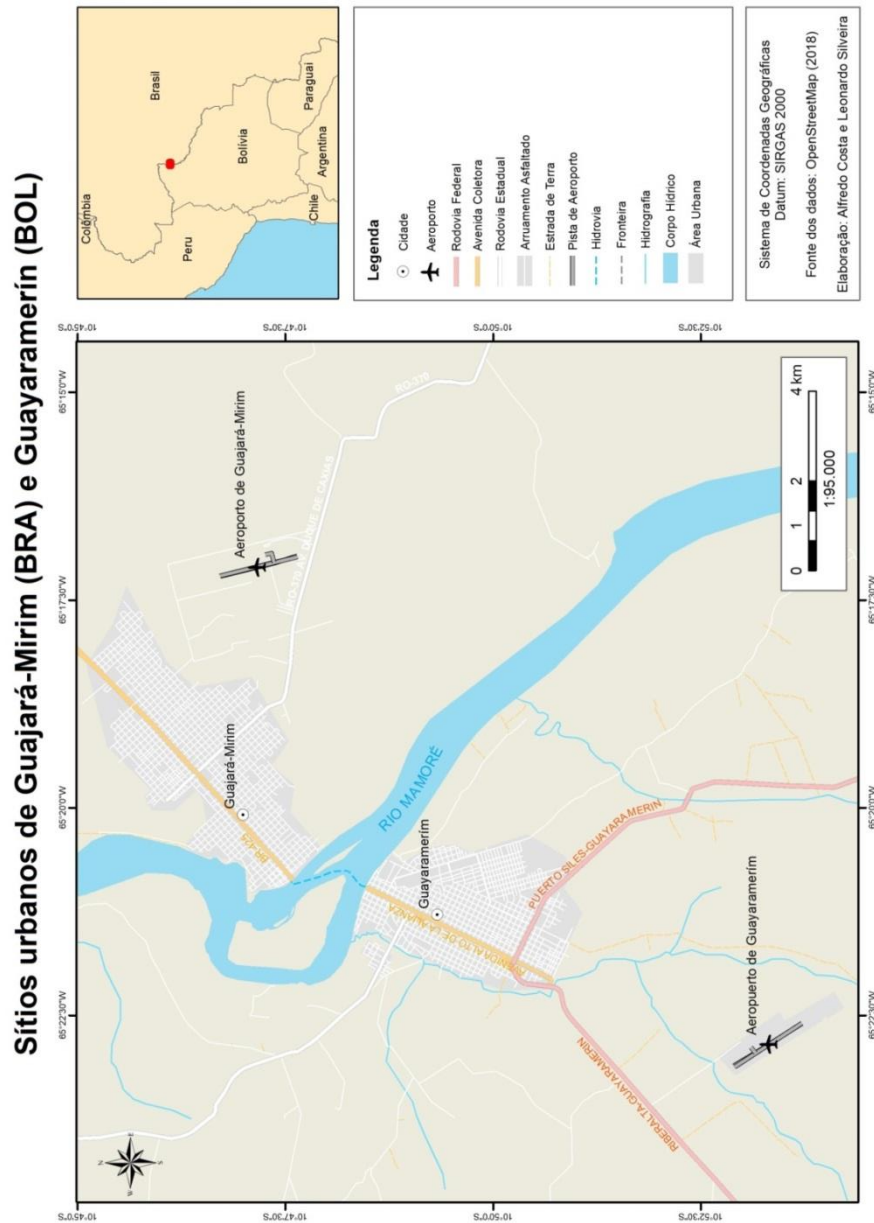
Município	População	% frente ao total departamental
Trinidad	106.422	25,27
Riberalta	89.022	21,14
Guayaramerín	41.775	9,92
San Borja	40.864	9,70
San Ignacio de Moxos	22.163	5,26
Rurrenabaque	19.195	4,56
Santa Ana del Yacuma	16.965	4,03
Santos Reyes	13.246	3,14
San Andrés	12.503	2,97
Nuestra Señora de Magdalena	11.277	2,67
Total acumulado	373.432	88,66
Total departamental	421.196	100

Fonte: INE (2012)

A fragilidade das redes urbanas amazônicas deve ser observada em qualquer trabalho que verse sobre as cidades da região. Mesmo diante de altas taxas de crescimento registradas nas últimas décadas, as redes urbanas amazônicas não apresentam o mesmo nível de equilíbrio e complexidade encontrada em outras regiões mais dinâmicas do Brasil, ou mesmo em outras regiões em desenvolvimento ao redor do mundo. Destacamos ainda que a globalização não foi capaz de reduzir as distâncias entre as cidades menores e àquelas que pertencem ao topo da hierarquia urbana (Sathler *et. al.*, 2010). Este fato nos ajuda a entender a razão pela qual modelos consagrados da Geografia Urbana enfrentam dificuldade em serem aplicados na realidade urbana *sui generis* amazônica.

Estudos urbanos que focam nas redes urbanas partem da premissa que as cidades não são realidades isoladas. Seja na rede urbana nacional, nas trocas internacionais ou mesmo na escala da região na qual se insere uma cidade, os inúmeros movimentos ocorrem em temporalidades e fluxos de natureza e intensidade distintos (Batella, 2017). As redes urbanas, em si, constituem-se como uma área geográfica marcada pela presença de um conjunto de centros funcionalmente articulados. Para que uma rede urbana tenha estrutura, duração e dinamismo, uma outra condição é absolutamente necessária: refere-se a presença de redes de comunicação e transporte que pode tornar possível a integração sistêmica das cidades da rede urbana (Amorim Filho e Diniz, 2004).

Figura 3: Sítios urbanos de Guajará-Mirim e Guayaramerín



Para compreender a natureza das redes urbanas, precisamos, prioritariamente, dimensionar as relações entre os pontos (núcleos urbanos) que se distribuem no espaço analisado. Por esta razão, as redes urbanas são centrais no estudo apresentado neste livro. As abordagens mais comuns nos estudos sobre as redes urbanas buscam levar em consideração questões como a diferenciação funcional das cidades, as relações entre tamanho demográfico e desenvolvimento, a hierarquia urbana e as relações entre cidade e região (Sathler, Monte-Mór e Carvalho, 2009). As relações de complementariedade nos equipamentos urbanos de núcleos relativamente próximos espacialmente também podem ser vislumbradas por intermédio da apresentação das redes urbanas. As grandes distâncias e a precariedade dos transportes inibem as relações de complementariedade, à exceção justamente das cidades-gêmeas, nas quais o fator distância ocupa posição de destaque na explicação das trocas. Nas cidades-gêmeas, as trocas através dos limites internacionais podem suprimir a oferta de um dado serviço em um dos lados da fronteira devido ao dinamismo deste mesmo serviço

observado nos domínios da cidade vizinha. Este processo evidencia uma das faces da dinâmica da produção do espaço em conurbações internacionais e nas cidades-gêmeas (não necessariamente conurbadas). As relações de complementariedade, enfim, contribuem para o entrelace das comunidades fronteiriças, facilitando o exercício do estranhamento cotidiano.

Olhares entrecruzados: teoria

Partindo de um pressuposto tradicionalmente vinculado à Geografia Humanista e Cultural, acreditamos que as identidades são construídas diacronicamente por meio das experiências humanas. Estas ditam não somente o olhar que se tem, generalizado e prévio, sobre o outro, como também na forma de ver e sentir a paisagem. A intersubjetividade que guia a gênese identitária lança-nos um desafio interpretativo: uma miríade de olhares entrecruzados que possuem significado e que interferem na realidade relacional de brasileiros e bolivianos que vivem nas cidades gêmeas de Guajará-Mirim e Guayaramerín. As imagens sobre as realidades estrangeiras comumente mais formuladas, mesmo que não passem de generalizações, ajudam a entender a presença de sentimentos que respondem aos estereótipos. Existem abordagens que consideram seriamente a força dos sentimentos como meio de influência na análise geopolítica (Moïsi, 2010).

A experiência humana é um termo abrangente para os vários modos pelos quais uma pessoa conhece seu mundo. Por meio dos sentidos, parece-nos que estamos ativamente explorando o mundo além de nós e conhecendo-o objetivamente. As particularidades que envolvem a experiência, contudo, fazem que as mesmas, colocadas lado a lado, proporcionem um mergulho no universo da intersubjetividade. A experiência é condicionada pelos sentidos que podem ser ativos ou passivos: as sensações do modo passivo estão trancadas dentro dos indivíduos e não possuem existência pública. Tudo o que vemos pode ser apresentado em fotos e em mapas, aos quais todos tem acesso. Por outro lado, a qualidade especial de uma fragrância, gosto ou toque não pode ser projetada em um palco público e não ser por meios pictóricos e linguísticos. Os artistas são admirados porque, até certo ponto, podem objetivar sentimentos íntimos em uma pintura, escultura ou em palavras. Poucas pessoas têm essa habilidade. Dentre esses sentidos passivos destacamos o paladar, o olfato e o tato (Tuan, 1975).

Destacamos ainda caráter fugaz e o caótico da experiência: usamos palavras, gestos e até mesmo construímos artefatos também para dar uma aparência de duração e coerência nos eventos que confrontamos. Um evento raramente é capaz de falar de forma inequívoca por si mesmo. Sua importância depende, pelo menos em parte, do apoio de palavras e gestos. Assim, um artesão, depois de dar o polimento final em uma jarra, tende a chamar pessoas para admirá-la, o que atribuirá uma pluralidade de significações no seu trabalho (Tuan, 1980a) e, ao mesmo tempo, conferirá ao artefato uma maior pluralidade intersubjetiva. É importante destacar que, a intersubjetividade da percepção humana construída por intermédio da experiência, não se trata de uma exceção: é uma regra.

Por outro lado, a ausência de experiência pode nos levar a um terreno ainda mais caótico. Geralmente sabemos que podemos contar com um determinado parente ou mesmo um vizinho em uma dada situação de dificuldade. Um estranho, por sua vez, pode despertar os sentimentos mais ambíguos: de alguém que ameaça o nosso lar a um salvador. Pessoas em várias partes do mundo, em suas cosmologias específicas, têm lendas que mencionam a existência de seres superiores e bondosos além do seu próprio mundo conhecido (Tuan, 1986). Este sentimento parece existir mesmo em sociedades com maior experiência com conceitos antropológicos. Os europeus do século XVIII e XIX utilizavam o conceito de luz e sombras para antagonizar e estereotipar povos ao redor do mundo. Na literatura, o *Coração*

das Trevas de Joseph Conrad (2010) era a África Equatorial. Na pintura, a tela “*O Progresso Americano*” de John Gast (1872) antagoniza a luz e as sombras. A tela expressa a marcha para o oeste norte-americano, de forma a indicar que as sombras dominavam a área não colonizada, povoada por povos nativos, enquanto que as luzes iluminam o leste atlântico, já devidamente colonizado.

É importante considerarmos que a ausência de experiência também produz expressões intersubjetivas. O pré-julgamento sobre aquilo que é desconhecido advém de uma lógica dedutiva guiada por outras experiências. Por isso, mesmo no período inicial da colonização americana, visões tão distintas acerca do nativo americano como as trazidas por Bartolomé de Las Casas, em um extremo, e Juan Ginés de Sepúlveda, em outro, encontravam lugar (Wallerstein, 2007).

Figura 4: Gast, John. *O Progresso Americano*, 1872. Litografia em cores, 37,6 x 49 cm. Library of Congress Prints and Photographs Division, Washington, DC.



Fonte: www.loc.gov/pictures/item/97507547/

De que forma esta discussão contribui para refletirmos sobre o embate intercultural e internacional entre brasileiros e bolivianos que vivem na fronteira? Compartilhamos da seguinte posição: não consideramos que os estereótipos advindos das generalizações perceptivas representem a realidade. Contudo, no momento em que estes estereótipos interferem nas relações entre povos, passam a fazer parte da análise geopolítica. Decoville e Duran (2018), em um estudo centrado no ambiente europeu, perceberam fortes relações que envolvem o dinamismo econômico e a xenofobia. Por meio de mapeamentos com alto grau de detalhamento, os autores verificaram que as regiões economicamente mais ativas são justamente àquelas que carregam a mácula de abrigarem expressivos percentuais de sua população que se sentem desconfortáveis por possuírem como membro familiar, vizinho ou

colega de trabalho pessoas nascidas no país vizinho. As regiões de economia dinâmica tendem a concentrar e dispersar um maior volume de fluxos, estabelecendo conexões com as áreas vizinhas. Pelo menos no que tange à realidade europeia investigada por Decoville e Duran (2018), justamente as populações que são mais submetidas à experiência com o estrangeiro são aquelas que se manifestam de forma mais xenófoba. Esta é uma das importantes razões para crermos que a abordagem que centra na experiência é aquela que melhor explica o estado das relações cotidianas.

O pressuposto inicial na abordagem que aqui propomos é a crença na estrutura híbrida das identidades e da cultura⁷, amplamente amparada em vasta bibliografia, com destaque aos pensadores que foram enquadrados na corrente pós-colonial. Destacam-se, neste particular, Edward Saïd (2007, 2011), Terry Eagleton (2011), Stuart Hall (2013) e Homi Bhabha (2013). A experiência de contato com realidades distintas, principalmente àquela posta em prática no exterior (chamada por Hall de diáspora), rompe com o mito de que a identidade cultural seja fixada no nascimento. Particularmente interessado nas migrações caribenhas, Hall (2013) refletiu sobre a experiência de barbadianos no Reino Unido, concluindo que, se por um lado não apagaram sua barbadianidade [*barbadianess*], por outro, não construíram uma identidade inglesa. Os Estados-nação impõem fronteiras rígidas dentre as quais se espera que as culturas floresçam. Acreditam ainda que os limites desempenham um papel proeminente e até mesmo determinístico ao que tange à construção do discurso identitário contemporâneo (Newman, 2006).

Acreditar na rigidez dos limites para a determinação das identidades trata-se de crer no engodo, ou mesmo agarrar-se em uma crença que não se cumpre no primado da razão. Não só porque os fluxos espaciais muitas vezes ignoram os limites estatais, mas, principalmente, pela natureza híbrida das culturas. No posfácio do livro *Orientalismo* em sua edição brasileira de 2007, Edward Saïd criticou duramente a regionalização proposta por Samuel Huntington (1997) no conhecido trabalho “O Choque das Civilizações”. Nesta crítica, Saïd argumentou que a argumentação de Huntington era absurda, “porque um dos grandes progressos na moderna teoria cultural é a percepção, quase universalmente aceita, de que as culturas são híbridas e heterogêneas” apresentando-se “tão inter-relacionadas e interdependentes a ponto de irem além de qualquer descrição unitária ou simplesmente delineada de sua individualidade” (SAÏD, 2007, p.460). Estas características lançam-nos dúvidas sobre a possibilidade de considerarmos manifestações culturais ou a própria cultura como algo passível de ser regionalizado (Silva e Costa, 2018). Como forma de exemplificar a manifestação híbrida da cultura e da formação identitária em nossa área de estudo, apontamos a festa de independência da Bolívia, que acontece no mês de Agosto em Guayaramerín. A mesma também faz parte do imaginário coletivo e individual dos habitantes de Guajará-Mirim, mesmo que a totalidade dos brasileiros que vivam neste trecho da fronteira não se sintam boliviana (a celebração é uma típica festa pátria) e, tampouco, tenham tido a oportunidade de frequentar as festanças supracitadas. Afinal, os seus compatriotas, dentre vizinhos, amigos e mesmo conhecidos, produzem relatos sobre o evento que podem ser mentalmente mediados em um claro processo de estereotipação desprovida de experiência direta com o fenômeno.

⁷ Nestor Canclini relativiza a ideia de uma ampla hibridação cultural ao afirmar que o conceito em questão pode sugerir fácil integração e fusão de culturas, sem dar peso às contradições e ao que não se deixa hibridar. Crítica ainda à noção da hibridação como a harmonização de mundos fragmentados e beligerantes, como se a experiência transcultural pudesse, num passe de mágica, ensinar a alteridade (Canclini, 2011).

Figura 5: Alunos de uma escola em Guayaramerín ensaiando para se apresentarem nas festividades relativas à celebração da Independência da Bolívia.



Fonte: Foto dos autores.

A intensificação dos fluxos internacionais contribui para a disseminação e acentuação das experiências internacionais e transculturais. Contudo, o que parece ocorrer, tanto na modificação da paisagem como no dinamismo identitário é um processo de repetição-com-diferença ou reciprocidade-sem-começo (Hall, 2013). Nesta lógica, a priori, pensar em uma identidade nacional pode soar como algo ultrapassado. Contudo, não é o tempo que lança o principal desafio sobre o sentimento de pertencimento à nação: é a própria natureza híbrida da cultura que faz com que comunidades supostamente homogêneas se apresentem como um mosaico de elementos identitários trazidos por suas experiências muito particulares. Parcela destas questões aqui levantadas inspira Benedict Anderson a cravar que a nação é uma comunidade imaginada: “mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles” (ANDERSON, 2008, p.32). Se, por um lado, não é a homogeneidade identitária que constrói a nação e a ideia de uma comunidade imaginada ser muito bem aceita como o que a estrutura, parece a língua ser um mecanismo muito poderoso para inspirar a utópica comunidade (Anderson, 2008; Guibernau, 1997).

As identidades constituem-se sempre como um processo problemático de acesso à totalidade. Tratar-se-iam de parcelas da totalidade, não passando, portanto, em sua descrição mais minuciosa, de um estereótipo. A representação da identidade é sempre espacialmente fendida: reúne experiências constitutivas advindas de diferentes porções do espaço. É, também, temporalmente adiada: representa tempos que são verdadeiramente retalhos diacrônicos. Assim, uma descrição de identidade não pode se constituir como o retrato de uma nação (Bhabha, 2013).

Ademais, Maurice Halbwachs nos ensina que as nossas identidades carregam memórias individuais e coletivas. Assim, todo indivíduo participaria de estas duas memórias e, conforme participe de uma ou de outra, adotaria atitudes muito diferentes e mesmo contrárias: de um lado, é no quadro de sua personalidade ou de sua vida pessoal que viriam tomar lugar suas lembranças; do outro, seria capaz, em alguns momentos, de se comportar

simplesmente como membro de um grupo que contribui para evocar e manter lembranças impessoais, à medida que estas interessam ao grupo (Halbwachs, 1990).

Levando-se em conta a multiplicidade de arranjos identitários é que consideramos a possibilidade de uma grande diversidade de percepções ambientais. Yi-Fu Tuan (1980b) lembra-nos uma passagem muito didática contida na obra clássica dos estudos antropológicos “Os Nuer”, de Evans-Pritchard: “ninguém convence aos Nuer que aquela paisagem duramente árida na qual habitam não se trata do melhor lugar do mundo para se viver”. Certamente as preferências paisagísticas dos Nuer não são idênticas. Contudo, o sentimento passado pela pintura *Le pays de la soif* de Eugène Fromentin (Figura 35) talvez pudesse ser interpretado pela maioria do povo Nuer como histeria ou exagero europeu. A tela em questão retrata a Argélia sob ocupação francesa, sendo apresentada como uma barreira ou ameaça à vida (Heffernan, 1991). As distintas impressões sobre o deserto, entre nativos e colonizadores, apresentam de forma inequívoca a força do deslocamento identitário e mesmo das impressões estereotipadas. Por esta razão, provavelmente, Homi Bhabha referiu-se às identidades como um processo problemático de acesso à totalidade: Qual seria a totalidade paisagística do deserto do Saara? Uma visão mais afetuosa e consolidada no corpo cultural dos povos nativos saarauís? Ou um ambiente topofóbico (Tuan, 2005) como descrição intersubjetiva dominante do europeu?

A paisagem, não é, em sua essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social (Dardel, 2011). Nesse particular, a multiplicidade de experiências humanas guiam também a pluralidade de interpretações (sentidos) da paisagem.

Figura 6: Fromentin, Eugène. *Le pays de la soif*, 1820-1876. Óleo sobre tela, 103 x 143,2 cm. Musee d’Orsay, Paris.



Fonte: musee-orsay.fr

A experiência de cruzar o Rio Mamoré e deslocar para outro país pode representar para as populações de Guajará-Mirim e Guayaramerín não somente uma ocasião rica de embate identitário, mas também um estranhamento paisagístico que desperta emoções.

Paisagens diferentes podem até mesmo confrontar nossos sistemas de crenças: os monumentos erguidos para sustentar a memória de um povo estrangeiro podem fazer parte de uma narrativa que afronta parcela importante daquilo que acreditamos. Quando o senso de centralidade cultural se despedaça, é altamente provável que uma cultura decline (Tuan, 1980b).

Figura 7: Altar da Igreja Nossa Senhora dos Seringueiros, localizada em Guajará-Mirim. Os elementos reunidos no altar constroem um evidente hibridismo entre as tradições católicas e as experiências locais, conferindo sensação de pertencimento social e zelo pela memória coletiva.



Fonte: Foto dos autores.

A migração transfronteiriça, muito comum na área estudada que é alvo deste livro, representa um escapismo (Tuan, 1998) movido muitas vezes pela percepção de degradação ambiental (em diversas instâncias) do local de origem do migrante. Ainda assim, importante componente da nossa formação identitária, a cidade natal é um lugar íntimo: “pode ser simples, carecer de elegância arquitetônica e de encanto histórico, no entanto nos ofendemos

se um estranho a crítica” (Tuan, 2013). Isto explica o sentimento de grande perturbação que envolve àqueles que assistem atonitadamente a aniquilação de lugares (topocídio) que foram importantes em determinados momentos de nossas vidas (Porteous, 1989; Porteous e Smith, 2001).

Olhares entrecruzados: percepções da investigação

Para adentrar na dimensão da intersubjetividade, foram elaborados questionários que intentaram captar a percepção do brasileiro acerca do boliviano e do boliviano sobre o brasileiro. A percepção do brasileiro sobre o boliviano foi aplicada em Guajará-Mirim, enquanto que a do boliviano sobre o brasileiro foi aplicada em Guayaramerín. Foram aplicados 300 questionários em cada lado da fronteira, sendo estes direcionados aos nativos das cidades em questão, de diversas idades, dos dois sexos e de diversas ocupações. Considerando que as virtudes antagonizam com os vícios, os questionários opuseram os seguintes adjetivos: honestidade x desonestidade; pacificidade x propensão à violência; laboriosidade x ociosidade; boa aparência x má aparência e organização x desorganização. Os adjetivos antagônicos foram dispostos em uma mesma linha e valorados de 1 a 10, conforme ilustra o quadro a seguir:

Quadro 1 - Percepção das virtudes e dos vícios: questionário aplicado a brasileiros e a bolivianos nas cidades gêmeas

Desonestidade ←————→ Honestidade									
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Propensão à violência ←————→ Pacificidade									
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Ociosidade ←————→ Laboriosidade									
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Má aparência ←————→ Boa aparência									
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Desorganização ←————→ Organização									
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Fonte: Elaborado pelos autores

Quanto mais próximo a 1, maior a negatividade expressa no questionário. Por outro lado, quanto mais próximo de 10, maior a positividade detectada no adjetivo. Do total de 300 questionários aplicados em cada cidade, 292 foram preenchidos corretamente em Guajará-Mirim, expressando a opinião dos brasileiros desta cidade frente ao boliviano. Em Guayaramerín, 296 questionários foram preenchidos corretamente. Dentre os questionários descartados, havia problemas como marcação dupla de números pertencentes à mesma linha e questionários em branco. Os valores assinalados por cada entrevistado foram somados e

dividido pelo número de entrevistas realizadas, chegando aos valores médios expressos nas Figuras 8 e 9.

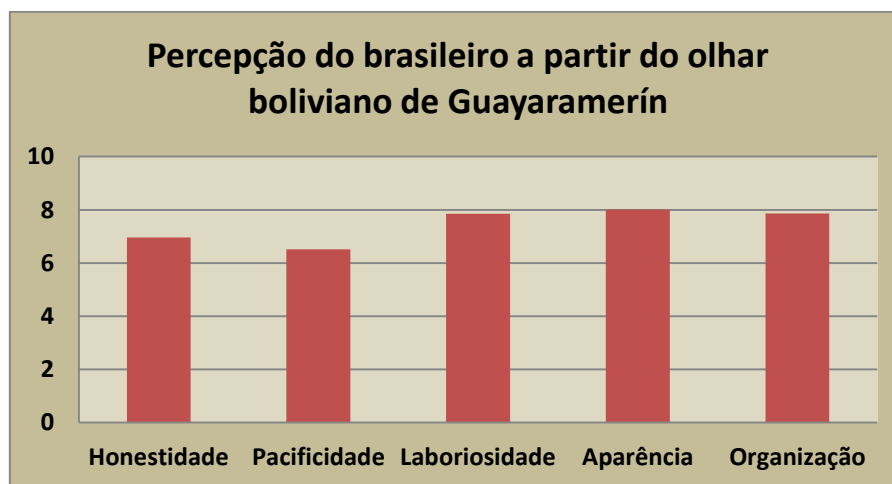
Figura 8: Percepção do boliviano a partir do olhar brasileiro de Guajará-Mirim.



Fonte: dados levantados e organizados pelos autores

Um levantamento como este não possui a pretensão de se constituir como o retrato da imagem do boliviano construída pelo brasileiro. Este conjunto de imagens, diversificadas e apresentadas como médias, são retalhos identitários. Portanto, parafraseando Homi Bhabha, constituem-se como acessos problemáticos da totalidade. O mesmo questionário aplicado aos brasileiros moradores de outros trechos da fronteira Brasil e Bolívia (e também de outros trechos do território nacional) poderia nos conduzir a resultados muito diferentes. Deste modo, a que serviria uma medição desta natureza? Comparativamente, como podemos ver na Figura 39, os bolivianos de Guayaramerín que preencheram os questionários foram mais generosos em suas notas, atribuindo, grosso modo, maior positividade nas adjetivações sugeridas. Assim, vê-se nos dois grupos entrevistados uma relação de aparente subalternidade, que merece ser melhor investigada pelos que se aventurarem a pesquisar a fronteira Brasil-Bolívia no trecho que abriga Guajará-Mirim e Guayaramerín.

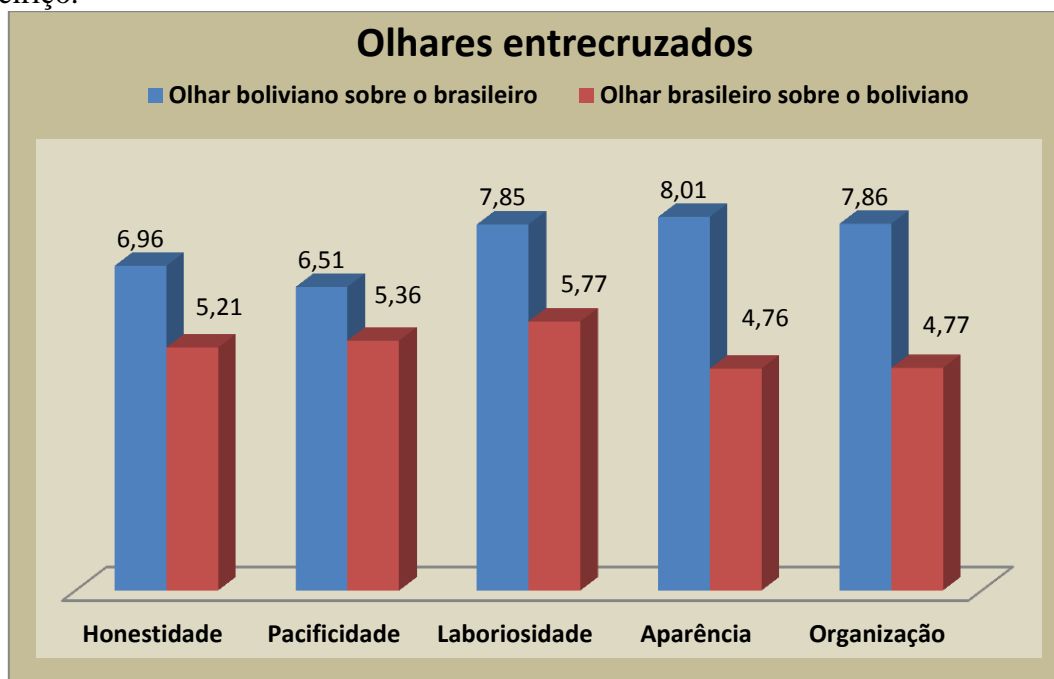
Figura 9: Percepção do brasileiro a partir do olhar boliviano de Guayaramerín.



Fonte: dados levantados e organizados pelos autores.

O quesito “aparência” foi aquele que demonstrou maior disparidade entre as médias das respostas de brasileiros e bolivianos. Como se vê na Figura 41, brasileiros alcançaram uma média de 8,01 na percepção boliviana, enquanto que bolivianos apresentaram 4,76 como média.

Figura 10: Olhares entrecruzados – percepção brasileira e boliviana sobre o vizinho fronteiriço.



Fonte: dados levantados e organizados pelos autores.

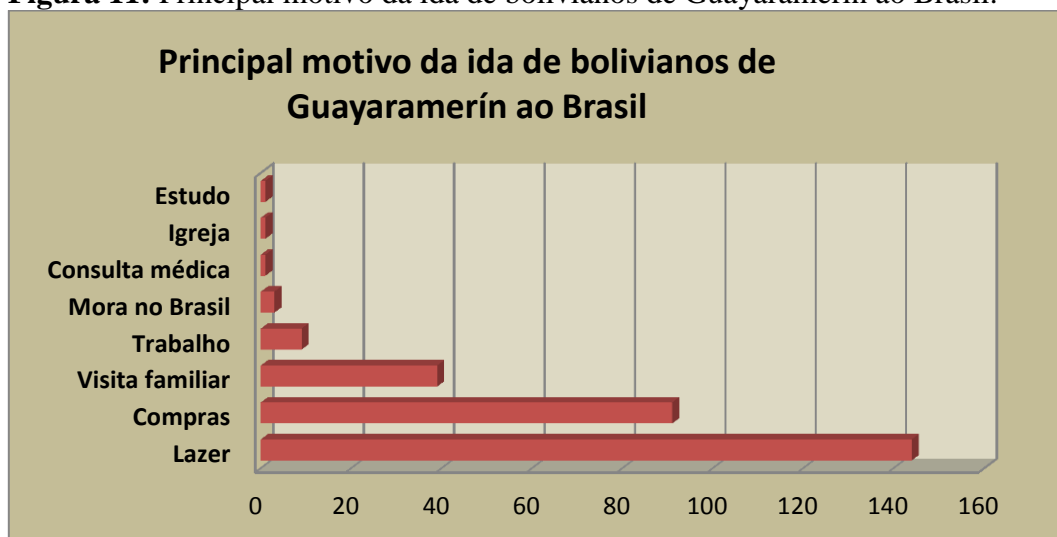
Estas imagens, ainda que frutos da experiência individual de cada entrevistado, recebem forte carga dos estereótipos criados e reificados pela memória coletiva. Deste modo, fortes impressões que povoam a memória coletiva acerca da experiência com o estrangeiro, tendem a interferir fortemente nas relações cotidianas. Sabedores de que a travessia do Rio Mamoré é a ação que permite o estabelecimento de experiências transfronteiriças entre as comunidades, perguntamos ainda nos questionários aplicados o que o motiva brasileiros e bolivianos a realizarem a travessia. Diferentemente das escolhas numéricas feitas pelos entrevistados realizadas durante as adjetivações, o motivo do deslocamento Brasil-Bolívia e Bolívia-Brasil foi apresentado em um campo aberto do questionário, no qual o entrevistado poderia se expressar. Contudo, a pergunta foi acerca “do principal” motivo da travessia do rio Mamoré (dados apresentados na Figura 11).

Ainda assim, alguns questionários mostraram-se problemáticos ao apresentarem duas ou mais motivações. Desta forma, optamos por apresentar as respostas agregadas, que somam valores maiores do que o número de questionários validados. Foram invalidados os questionários que foram apresentados em branco. Assim, dos 300 questionários aplicados, 268 foram validados daqueles aplicados em Guayaramerín. Dos aplicados em Guajará-Mirim, 292 foram validados. É importante ressaltar que os questionários em Guayaramerín estavam em língua espanhola. Esta diferença talvez se explique pelo fato dos brasileiros terem buscado esclarecer dúvidas quanto ao questionário durante o preenchimento do mesmo, enquanto que os bolivianos pouco o fizeram, pelas naturais dificuldades de comunicação. Dentre os questionários não validados aplicados em Guayaramerín foi destacado também o fato de alguns entrevistados destacarem que “nunca vão ao Brasil” (19 dos 32 questionários não

validados). O volume dos entrevistados que “nunca vão ao Brasil” somam 6,3% do total de entrevistas. Por outro lado, dentre os questionários preenchidos pelos entrevistados em Guajará-Mirim, nenhum foi preenchido com a informa o de que “nunca v o   Bolívia”.

Para os bolivianos de Guayaramerín, tr s motiva es concentram as explica es para a ida ao Brasil: o lazer, as compras e as visitas familiares. A justificativa centrada nas compras encontra provável posi o ef mera: as varia es de câmbio podem fazer as compras deixarem de ser a motiva o principal da travessia do rio Mamoré ou mesmo aumentarem a sua participa o no total das justificativas. A desvaloriza o relativa do real frente ao dólar e ao boliviano (moeda da Bolívia) torna os produtos brasileiros mais atrativos ao consumo daqueles que vivem em Guayaramerín.

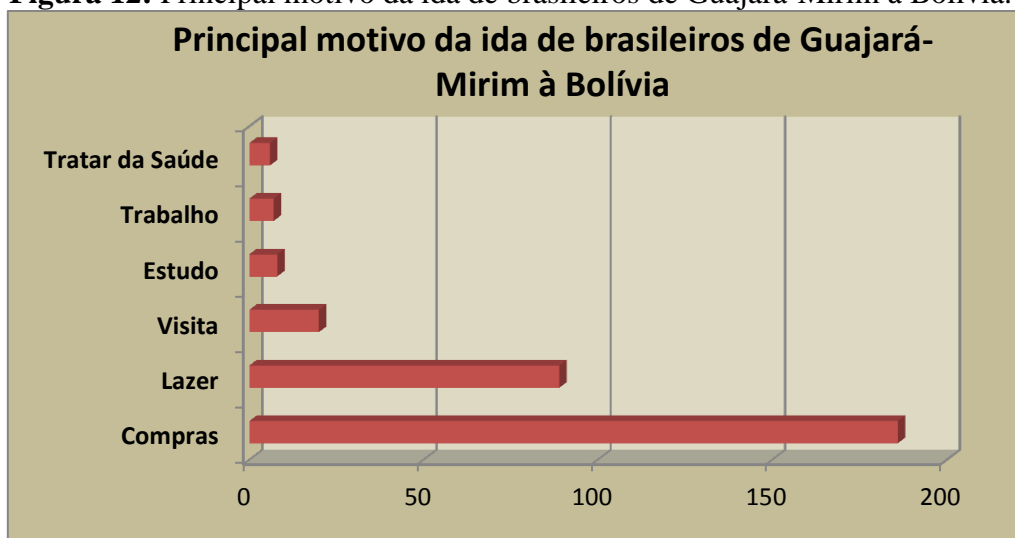
Figura 11: Principal motivo da ida de bolivianos de Guayaramerín ao Brasil.



Fonte: Dados levantados e organizados pelos autores.

As três principais motiva es para a travessia do Mamoré foram as mesmas levantadas pelos questionários aplicados em brasileiros de Guajará-Mirim. Curiosamente, ao escreverem a palavra “visita”, bolivianos tipificaram a mesma com a expressão “visita familiar”. Brasileiros não tiveram a preocupa o com esta tipifica o.

Figura 12: Principal motivo da ida de brasileiros de Guajará-Mirim   Bolívia.



Fonte: Dados levantados e organizados pelos autores.

Motivações ligadas ao estudo apresentaram mais destaque nos questionários de Guajará-Mirim do que nos de Guayaramerín, mostrando aquilo que já se percebe cotidianamente: a capacidade dos equipamentos de Ensino Superior da Bolívia de atraírem os brasileiros. A motivação “compras” apresentou-se sensivelmente mais forte nos questionários de Guajará-Mirim, reforçando a imagem construída não só por Guayaramerín como por outras cidades bolivianas situadas junto à fronteira brasileira: cidades de oportunidades comerciais. Ressalva-se, novamente, o papel do câmbio para a oscilação de percepções mais imediatistas sobre as oportunidades comerciais.

Recentemente, um trabalho sobre os fluxos populacionais pendulares das cidades de Guajará-Mirim e Guayaramerín foi publicado em uma revista brasileira (Lira, 2017). Neste trabalho, o foco foi no comportamento do brasileiro que atravessa o rio Mamoré rumo a Guayaramerín. Utilizando como método a aplicação de questionários, o autor, que curiosamente utilizou um universo amostral similar ao de nossa pesquisa (298 questionários). Os dados, contudo, não são comparáveis. Os procedimentos desta pesquisa divergiram grosseiramente da nossa, a destacar:

- Lira (2017) aplicou o seu questionário na zona portuária de Guajará-Mirim, enquanto que nossos questionários foram geográfica e aleatoriamente distribuídos pela mancha urbana da cidade;
- O autor em questão aplicou o questionário tanto para bolivianos quanto para brasileiros que realizavam a travessia, enquanto que nosso trabalho focou somente nos residentes de Guajará-Mirim e Guayaramerín.
- Enquanto o nosso questionário centrou-se em uma situação diacrônica com a intenção de penetrar no campo da experiência do nosso objeto, Lira (2017) aferiu a razão para a travessia em um dado momento e também ao longo do tempo⁸.
- Lira (2017) aplicou o questionário em um período de tempo de 1 semana. O nosso questionário foi aplicado em um período de 10 dias (600 questionários em duas cidades).

Estas ponderações não se constituem como crítica ao trabalho de Lira (2017), à medida que os seus procedimentos são compatíveis com os seus objetivos, que é o de “repensar o papel da fronteira na dinâmica demográfica”, tendo como pano de fundo o conceito de espaço de vida de Daniel Corgeau. As ponderações servem para chamar a atenção para a incomparabilidade dos resultados dos dados. Afinal, em um olhar apressado, a comparação poderia sugerir que dois trabalhos que versam sobre o mesmo objeto produziram resultados diferentes.

Tabela 7 - Motivações para o traslado do rio Mamoré por Lira (2017)

Motivos do Traslado do rio Mamoré	Quantidade de registros nos questionários
Estudo	2
Remessas	4
Emprego	6
Negócios	8
Turismo	15

⁸ Neste caso, se faz necessário entender as diferenças de períodos abordados nos dados apresentados por Lira (2017). A Tabela 14, por exemplo, apresentam dados pontuais, coletadas por motivações de momento.

Tratamento Médico	38
Passeio	47
Compras	74
Retorno	104

Fonte: Lira (2017)

O grande volume destacado pela motivação “retorno”, demonstra que parcela importante dos entrevistados no porto de Guajará-Mirim era composta por bolivianos. Esta impressão foi corroborada com o levantamento de Lira (2017) sobre a origem dos indivíduos que preencheram o questionário, tal como apresenta a Tabela 8:

Tabela 8 - Origem dos Indivíduos que viajam para Guyaramerín, Bolívia, por Lira (2017)

Origem	Quantidade de Indivíduos
ES	1
MT	1
PI	1
PR	2
MG	2
DF	2
MA	4
AM	4
SP	5
RJ	7
AC	15
Porto Velho*	43
RO (externo a Porto Velho)	98
Bolívia*	113

*Porto Velho e Bolívia apresentam-se como origens díspares frente às demais Unidades da Federação. Porto Velho não está incluído na ocorrência RO (Rondônia). Esta foi a opção de apresentação do autor da pesquisa. Fonte: Lira (2017).

O forte papel de articulador das redes urbanas desempenhado por Porto Velho ficará muito claro na apresentação e comentário dos dados primários que serão apresentados no próximo capítulo. Destacou-se nestes dados apresentados por Lira (2017) certa influência regional desempenhada pelo Acre.

Buscando entender como se fundamenta a experiência com o estrangeiro, elaboramos uma pergunta adicional no questionário acerca da frequência de visita ao país vizinho. Dentre as opções de períodos temporais estipulamos: 4 vezes ou mais por semana; 2 ou 3 vezes por semana; 1 vez por semana; 1 a 3 vezes por mês; raramente e nunca. Nos questionários aplicados em Guajará-Mirim tivemos 284 validados dos 300 aplicados. Os que não foram validados tinham dupla marcação ou não foram preenchidos neste campo.

Figura 13: Frequência de ida à Bolívia por parte do morador de Guajará-Mirim.



Fonte: Dados levantados e organizados pelos autores.

A maioria daqueles que preencheram o questionário em Guajará-Mirim revelou que a experiência no estrangeiro não é frequente (nunca e raramente juntos somaram 205). Para alguns brasileiros que habitam Guajará-Mirim, apesar de viverem junto à linde, esta mostra-se uma barreira para o seu espaço de circulação. Para estes, viver junto ao limite internacional não significa ignorar a sua existência nos seus deslocamentos cotidianos.

Dos 300 questionários aplicados em Guayaramerín, 266 foram validados. A invalidação ocorreu em função dos mesmos motivos observados nos questionários aplicados em Guajará-Mirim.

Figura 14: Frequência de ida ao Brasil por parte do morador de Guayaramerín.



Fonte: Dados levantados e organizados pelos autores.

Enquanto que 73% dos brasileiros que preencheram o questionário declaram nunca ou raramente ir à Bolívia, 62% dos bolivianos declararam o mesmo sobre ir ao Brasil. Agrupando àqueles que vão ao estrangeiro 1 vez ou mais por semana, temos cerca de 9% dos brasileiros frequentando à Bolívia e 18% de bolivianos frequentando o Brasil. Em suma, os resultados destes questionários apontaram para o fato de ir ao Brasil ser um hábito mais corriqueiro em

geral para o boliviano que mora em Guayaramerín do que ir à Bolívia para o brasileiro que mora em Guajará-Mirim.

Os portos de Guajará-Mirim e Guayaramerín intermediam as experiências de convívio binacional, proporcionando a travessia do rio Mamoré. As travessias são organizadas por empresas que seguem uma padronização quanto ao tipo de embarcação e medidas de segurança. Desta forma, a travessia legalizada de pessoas está centrada nos serviços oferecidos pela zona portuária. Os serviços são oferecidos durante 24 horas, tanto no sentido Brasil-Bolívia como Bolívia-Brasil. Há uma peculiaridade: as embarcações bolivianas não embarcam passageiros no porto de Guajará-Mirim, somente desembarcam; do mesmo modo, as embarcações brasileiras não embarcam no porto de Guayaramerín. Estudantes e funcionários de determinadas autarquias governamentais, como os pertencentes ao corpo consular, são isentos dos valores pagos para a travessia fluvial.

Figura 15: Movimentação na zona portuária de Guayaramerín.

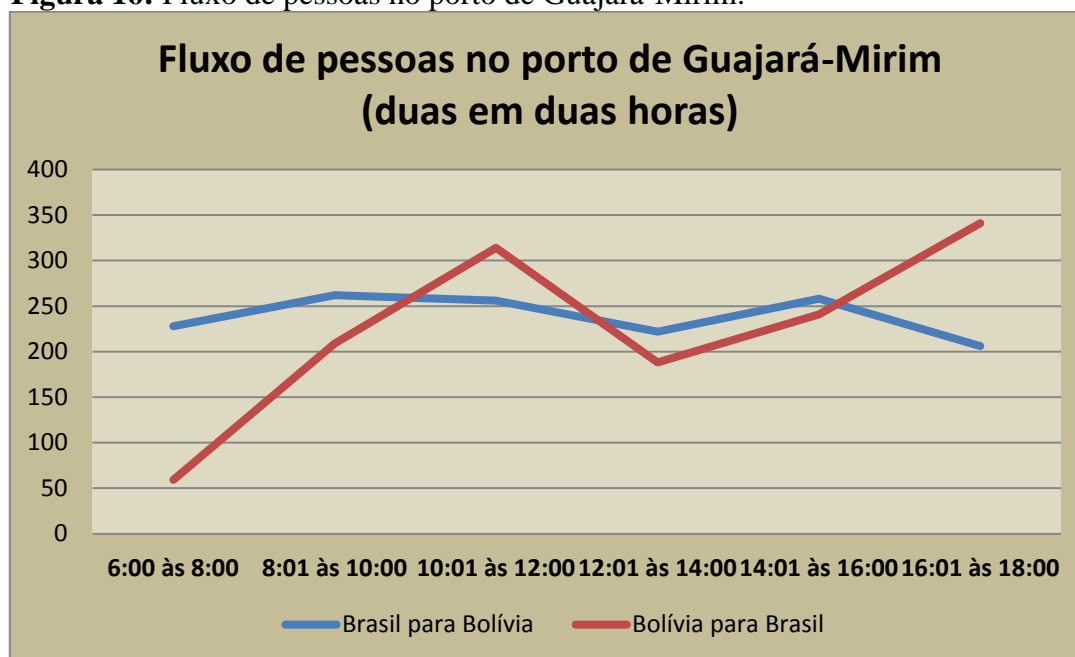


Foto dos autores.

No dia 25 de julho de 2018, em uma quarta-feira, no período compreendido entre 6:00 e 19:00, levantamos, a partir de observação no porto de Guajará-Mirim, a quantidade de passageiros trazidos de Guayaramerín e, também, que embarcavam para a cidade boliviana em questão. Foram mensuradas 3.012 travessias, sendo que algumas delas pode ter sido executada pela mesma pessoa. A intenção nesta mensuração era medir o fluxo transfronteiriço entre as duas cidades em um dia de semana típico, com detalhamentos sobre a concentração do fluxo em determinados momentos do dia. A priori, foi possível notar certo equilíbrio no sentido dos fluxos, com 1.553 travessias executadas por pessoas no sentido Brasil-Bolívia e 1.459 no sentido Bolívia-Brasil. Há de se relativizar o menor volume no sentido Bolívia-Brasil, pois, existem estudantes matriculados em cursos noturnos em Guayaramerín. O retorno deles é esperado para o período após as 22 horas. Talvez em uma medição que envolva as 24 horas do dia, os valores possam se apresentar de forma mais equilibrada.

O fluxo de pessoas no sentido Brasil-Bolívia aparentemente apresentou-se mais constante do que o fluxo de pessoas no sentido Bolívia-Brasil, que se apresenta dotado de momentos de picos e de esvaziamento. Quanto a este comportamento, podemos no máximo inferir causas. O volume total de travessias muito próximo (1.553×1.459) denota parcela de comportamento pendular, executado pelos funcionários do consulado, pelos alunos e alguns comerciantes.

Figura 16: Fluxo de pessoas no porto de Guajará-Mirim.



Dados levantados e organizados pelos autores

Frações de tempo mais detalhadas foram mensuradas, em intervalos de 30 minutos. Estes dados, expostos na Tabela 16, nos permitirão estabelecer algumas inferências. Sabemos, contudo, que um estudo mais detalhado envolvendo diferentes dias da semana durante períodos mais longos, pode contribuir para a elaboração de avaliações assertivas sobre a temática em questão.

Tabela 9 - Fluxo de Pessoas no porto de Guajará-Mirim: Intervalos de 30 em 30 minutos

Intervalo	Brasil para Bolívia	Bolívia pra Brasil
6:00 a 6:30	29	9
6:31 a 7:00	104	7
7:01 a 7:30	46	25
7:31 a 8:00	49	18
8:01 as 8:30	38	30
8:31 a 9:00	80	42
9:01 as 9:30	78	68
9:31 as 10:00	66	69
10:01 as 10:30	57	101
10:31 as 11:00	88	87
11:01 as 11:30	62	54
11:31 as 12:00	49	72
12:01 as 12:30	101	42
12:31 as 13:00	58	44
13:01 as 13:30	38	60
13:31 as 14:00	25	42
14:01 as 14:30	54	58
14:31 as 15:00	48	70
15:01 as 15:30	82	60
15:31 as 16:00	74	53
16:01 as 16:30	55	100
16:31 as 17:00	62	79
17:01 as 17:30	41	83
17:31 as 18:00	48	79
18:01 as 18:30	47	51

18:31 as 19:00	74	56
Total	1553	1459

Fonte: Dados levantados e organizados pelos autores.

Podemos inferir, a partir dos dados apresentados pela tabela 9, que,

- no período da manhã, entre 6:00 e 9:00, o fluxo Brasil-Bolívia revela-se bem mais intenso do que no sentido contrário (346 travessias ante 131);
- entre 10:01 e 11:00 e entre 16:01 e 18:00 podemos observar o período de maior intensidade de fluxo no sentido Bolívia-Brasil, com destaque para o período entre 16:01 e 16:30;
- um pico intenso de fluxo pode ser observado no período 12:01 às 12:30 no sentido Brasil-Bolívia;

Considerações finais

Como foi mensurado nos questionários aplicados acerca da travessia do rio Mamoré, percebemos que a mesma não é um evento cotidiano para parcela expressiva dos entrevistados. Como vimos, cerca de 62% dos bolivianos residentes em Guayaramerín que foram entrevistados alegaram que nunca ou raramente vão ao Brasil, enquanto que 73% dos brasileiros de Guajará-Mirim entrevistados alegaram o mesmo sobre ir à Bolívia. Realizar a travessia parece ser uma ação diretamente ligada a objetivos pontuais. Afinal, a travessia possui custos: cerca de 15 reais para ir e voltar posteriormente. Assim, se não existem elos funcionais entre o indivíduo e a cidade estrangeira, a travessia torna-se pouco provável, podendo, até mesmo, reforçar uma imagem de que no Brasil ou na Bolívia “não há nada o que fazer”.

A construção de uma ponte, que poderia baratear os custos da travessia, provavelmente modificaria a realidade das cidades gêmeas e da percepção intercultural, ao sujeitar os indivíduos que habitam esta parte da fronteira a um exercício mais frequente do estranhamento paisagístico e interpessoal. Há de se destacar que, mesmo que a ponte construída considere um espaço para o tráfego de pedestres, a distância entre as duas cidades não seria desprezível (cerca de 5 minutos de travessia por embarcação marítima), tornando a travessia uma experiência bem diferente daquela vivenciada nas cidades gêmeas de fronteira seca e mesmo aquelas como Cobija, Brasiléia e Epitaciolândia, que possuem pontes curtas.

Os olhares entrecruzados apresentados neste artigo, sobretudo os que se referiram aos estereótipos expressos por meio de adjetivações, foram apresentados como médias numéricas. A princípio parece ser uma escolha contraditória à teorização aqui realizada: como vimos, o olhar é essencialmente intersubjetivo, e a média não expressaria esta dimensão. Contudo, as médias comparadas são capazes entre os olhares de bolivianos e brasileiros coletados pelos questionários produzem significado. Diferenças da ordem de 7,86 a 4,77 no quesito “organização” e 6,96 a 5,21 no quesito “honestidade” a favor do brasileiro sugerem uma relação de subalternidade que impacta nas relações cotidianas. Em uma sugestão grosseira, será que estas diferenças impactam, por exemplo, na empregabilidade de um boliviano em Guajará-Mirim e de um brasileiro em Guayaramerín? Sabemos que são reflexões que precisam ser apoiadas em pesquisas mais específicas. cremos, por outro lado, que a importância deste artigo reside justamente na projeção destas diferenças perceptivas nas amplas relações entre as duas comunidades fronteiriças. O desenvolvimento teórico, pelo seu lado, aponta a possibilidade de relações específicas entre bolivianos e brasileiros se

expressarem de forma desalinhada aos comportamentos médios, afinal, como nos alerta Bhabha (2013), lidar com as identidades é sempre acessar fragmentos da totalidade, temporalmente adiados e espacialmente fendidos.

Referências

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno; DINIZ, Alexandre Magno Alves. A embrionária rede urbana de Roraima. Tandil: **Estudos socioterritoriales**, nº5, p.9-36, dezembro, 2004.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BATELLA, Wagner Barbosa. A formação histórica da rede urbana “próxima” e sua inserção nas redes urbanas “distantes”: Análise de Teófilo Otoni-MG (in) Oliveira, Hélio Carlos Miranda de; Calixto, Maria José Martinelli Silva; Soares, Beatriz Ribeiro (orgs.) **Cidades médias e região**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2017.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional/Secretaria de Programas Regionais/ Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira. Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2005.

CAMPOS, Heleniza Ávila. O papel estratégico de cidades gêmeas no controle de mercadorias em regiões de fronteira no contexto do Mercosul: Uruguaiana (BR) e Pasos de Los Libres (AR). Santa Cruz do Sul: **Revista Redes**, Vol.22, nº1, jan-abr, 2017.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 2011.

COELHO, Karla Nunes de Barros. O planejamento urbano regional e a sua importância para as cidades de fronteira. In: XV ENANPUR Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. 2013, Recife, **Anais do XV ENANPUR Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional**, v. XV, p.1-12, 2013.

CONRAD, Joseph. **O Coração das Trevas**. São Paulo: Abril, 2010.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DECOVILLE, Antoine; DURAND, Frédéric. Exploring cross-border integration in Europe: How do populations cross borders and perceive their neighbours? **European Urban and Regional Studies**, February, p.1-24, 2018.

DUARTE, Fábio. **Planejamento urbano**. Curitiba: Ibepex, 2007.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Unesp, 2011.

FROMENTIN, Eugène. Le pays de la soif. Óleo sobre tela, 103 x 143,2 cm. Paris: Musée d'Orsay, 1820-1876. Disponível em www.musee-orsay.fr em 1 de novembro de 2018.

GAST, John. O Progresso Americano. Washington, DC: Litografia em cores, 37,6 x 49 cm. Library of Congress Prints and Photographs Division, 1872. Disponível em www.loc.gov/pictures/item/97507547/ em 1 de novembro de 2018.

GUIBERNAU, Montserrat. **Nacionalismos: O Estado nacional e o nacionalismo no século XX.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Editora Vértice, 1990.

HALL, Stuart. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. (in) Sovik, Liv (org). **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HEFFERNAN, Michael J. The desert in French orientalist painting during the nineteenth century. London: **Landscape Research**, 16:2, p.37-42, 1991.

HUNTINGTON, Samuel. **O Choque das Civilizações e a recomposição da Ordem Mundial.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=12&dados=0> em 10 de novembro de 2015.

INE, Instituto Nacional de Estatística. Ficha Resumén Censo población e Vivenda 2012. Disponível em <http://censosbolivia.ine.gob.bo/censofichacomunidad/> em 10 de novembro de 2015.

LIRA, Jonatha Rodrigo de Oliveira. Mobilidade espacial na fronteira e a formação de espaços de vida na Amazônia: os casos das cidades gêmeas de Guajará-Mirim (Brasil) e Guayaramerín (Bolívia). Vitória: **Geografafes**, Julho-Dezembro, 2017.

MACEDO, Daniel Almeida de. Fronteira Brasil-Bolívia em Mato Grosso: segurança pública, desenvolvimento social, e a construção da identidade nacional. **RBED**, vol.4, nº2, jul-dez, p.219-239, 2017.

MACHADO, Lia Osório. et.al. O desenvolvimento da faixa de fronteira: uma proposta conceitual-metodológica. In: OLIVEIRA, T.C.M. de (Org.). **Território sem limites: estudo sobre as fronteiras.** Campo Grande: UFMS, 87-112, 2005.

MOÏSI, Dominique. **The Geopolitics of Emotions.** New York: Anchor Books, 2010.

NEWMAN, David. Boundaries. (in) Agnew, John *et.al.* **A companion to Political Geography.** Malden: Blackwell publishing, 2006.

PORTEOUS, Douglas. Planned to Death: **The annihilation of a place called Howdendyke.** Toronto: University of Toronto Press, 1989.

PORTEOUS, Douglas; SMITH, Sandra E. Domicide: **The global destruction of home.** Montreal: McGill-Queen's University Press, 2001.

SAÏD, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

- SAÏD, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.
- SATHLER, Douglas; MONTE-MÓR, Roberto L; CARVALHO, José Alberto Magno de. As redes para além dos rios: urbanização e desequilíbrios na Amazônia Brasileira. Belo Horizonte: **Nova Economia**, v.19, nº1, p.11-39, jan-abr, 2009.
- SATHLER, Douglas *et.al.* Urban hierarchy in the brazilian Amazon. Rio de Janeiro: **Revista brasileira de estudos populacionais**, v.27, n.2, jul-dez, p.251-268, 2010.
- SILVA, Ricardo Marques; Oliveira, Tito Carlos Machado de. O mérito das cidades-gêmeas nos espaços fronteiriços. **Observatório Ibero Americano Del Desarrollo Local Y La Economía Social**, Málaga, Ano 1, Número 5, Dezembro de 2008, p.1-11.
- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo. A inadequação das regionalizações culturais mediante os pressupostos do pós-colonialismo. Salvador: **Geotextos**, v.14, nº1, p.225-247, julho, 2018.
- TERENCIANI, Cirlani. "**Interculturalidade e "Cidades-Gêmeas": ¿novas configurações identitárias? "**", em **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, Febrero 2012, disponível em www.eumed.net/rev/ccss/18/
- TUAN, Yi-Fu. Place: an Experiential Perspective. **Geographical Review**, v.65, nº2, p.151-165, 1975.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980a.
- TUAN, Yi-Fu. The significance of the artifact. **Geographical Review**, v.70, nº4, p.462-472, 1980b.
- TUAN, Yi-Fu. Strangers and Strangeness. **Geographical Review**, v.76, nº1, jan, p.10-19, 1986.
- TUAN, Yi-Fu. **Escapism**. Baltimore: John Hopkins University Press, 1998.
- TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do Medo**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013.
- VIRGA, Thais. Fronteira, urbanização e desenvolvimento na Amazônia sul-americana: compreendendo disparidades nas cidades-gêmeas de Letícia (Colômbia) e Tabatinga (Brasil). Dourados: **Revista Monções**, Vol.6, nº.12, jul-dez, 2017.
- WALLERSTEIN, Immanuel. **O universalismo europeu: a retórica do poder**. São Paulo: Boitempo, 2007.